

**André Nunes de Sousa**  
Professor Dr. do Instituto Federal da Bahia (IFBA)  
E-mail: [anunesds82@gmail.com](mailto:anunesds82@gmail.com)  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2463-349X>

Esta resenha busca apresentar a obra *Saberes geográficos e a Geografia institucional: relações luso-brasileiras no século XX*, organizada por Francisco Roque de Oliveira e Daniel Paiva (2019a), evidenciando sua relevância no âmbito da historiografia e da epistemologia da Geografia. Francisco Roque de Oliveira é doutor em Geografia Humana pela Universitat Autònoma de Barcelona e professor do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT), além de coordenador da equipe portuguesa do projeto *Saberes geográficos e Geografia institucional: influência e relações recíprocas entre Portugal e o Brasil no século XX*. Já Daniel Paiva tem Doutorado Europeu em Geografia pela Universidade de Lisboa e é investigador também no IGOT ao abrigo do Concurso Estímulo de Emprego Científico.

Na referida obra, Oliveira e Paiva (2019a) reúnem uma série de trabalhos de autores que discutem questões e relações científicas e institucionais entre Portugal e Brasil no âmbito da Geografia, com destaque para o final do século XIX e toda a extensão do século XX. Todavia, é importante destacar que as relações entre os saberes geográficos desenvolvidos em Portugal e Brasil remontam à própria ocupação lusitana das terras austrais da América, em meados do século XVI, e à necessidade portuguesa de inventariar e cartografar o território conquistado (FURTADO, 2012). De mais a mais, trata-se de uma história atravessada pela influência dos saberes produzidos também por outras nações, através de trocas, acúmulos, assimilações e negações – como sucede nos dias atuais –, mas de difícil delineamento ou construção de uma linha de investigação discurso-historiográfica até princípio do século XIX, derivado do próprio processo de formação disciplinar da Geografia (CAPEL, 1981; MORAES, 2005).

Por outro lado, em termos institucionais, o intercâmbio de conhecimentos geográficos pode ser observado com mais facilidade entre cientistas dos dois países a partir de meados dos oitocentos. A participação de portugueses e brasileiros em agremiações científicas no século XIX – como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro



(SGRJ) e a Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil –, ou em eventos como os *Congressos Brasileiros de Geografia (CBG)*<sup>1</sup>, realizados nas primeiras décadas do século XX, possibilitam a delimitação de marcos historiográficos mais precisos para as investigações acerca dessas relações (MARY, 2010; GUIMARÃES, 2011; CARDOSO, 2013).

A leitura dos *Anais* dos CBG evidencia um intercâmbio crescente entre os saberes geográficos produzidos nos dois países, de modo que se pode falar mais seguramente em trocas de conhecimentos científicos com algum lastro institucional desde então. Os *Anais* dos CBG representam, assim, uma importante fonte para investigações sobre as relações luso-brasileiras no campo da Geografia, seja pela publicação de textos com temáticas que tratam de personagens e/ou processos histórico-geográficos relacionando os dois países, seja pela descrição da participação de autores e instituições portuguesas nas jornadas acadêmicas realizadas no Brasil.

Em termos de institucionalização universitária, os dois primeiros cursos superiores de Geografia criados em Portugal datam de 1911, tendo lugar nas Universidades de Lisboa e Coimbra, após a Instauração da República em 1910, embora já houvesse uma cadeira de Geografia no curso superior de Letras de Lisboa desde 1901 (PAIVA: OLIVEIRA, 2020). O Brasil esperaria pouco mais de duas décadas para criar seus primeiros cursos universitários de Geografia nas Universidades de São Paulo (USP) e do Distrito Federal (UDF), em 1934 e 1935, respectivamente, embora entre os anos de 1916 e 1921 o IHGB tenha criado e mantido uma Faculdade de Filosofia e Letras onde funcionou, por esse curto intervalo de tempo, um curso Normal Superior com habilitação em Geografia e História (MORAES, 2005; GUIMARÃES, 2006).

A partir da década de 1940 as trocas entre os dois países se intensificaram em diversas áreas do conhecimento e em diferentes campos da vida social, notadamente a partir da convergência de políticas implantadas pelos Estados Novos no Brasil e em Portugal (OLIVEIRA; PAIVA, 2019b). No tocante à Geografia, a participação de pesquisadores portugueses nas atividades do 10º Congresso Brasileiro de Geografia<sup>2</sup>, realizado no Rio de Janeiro em 1944, contribuiu sobremaneira para a aproximação das duas comunidades científicas já num contexto de consolidação da Geografia universitária nos dois países (CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 1952).

---

<sup>1</sup> A Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro promoveu, em parceria com institutos histórico-geográficos regionais, 8 Congressos Brasileiros de Geografia (CBG) ao longo da Primeira República, acrescidos de mais outros 2 na Era Vargas, ocorridos em diferentes cidades brasileiras. O primeiro CBG ocorreu no ano de 1909 na cidade do Rio de Janeiro. Entre os 10 eventos, 6 tiveram compilação e publicação dos trabalhos apresentados nas sessões temáticas. Para mais informações sobre a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e os CBG ver Pereira (2003), Cardoso (2013) e Sousa (2019).

<sup>2</sup> Datam desse período, por exemplo, a publicação nos *Anais* dos CBG dos textos *A cartografia antiga e os fundamentos pré-históricos da nação brasileira*, de Jaime Cortesão; *O calcário: alguns aspectos da sua industrialização em Portugal*, de Luís Schwabach; e *Informações gerais sobre as atividades da Sociedade de Geografia de Lisboa*, de Gago Coutinho (CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 1952).



Na década de 1950, geógrafos dos dois países voltaram a se reencontrar em um evento acadêmico no Brasil; dessa vez no *XVIII Congresso da União Geográfica Internacional (UGI)*, realizado no Rio de Janeiro em 1956, animado por um ambiente de políticas desenvolvimentistas no Brasil e na Europa e pela concepção de Geografia Aplicada que ganhava força em âmbito internacional (BOMFIM, 2007). Desse reencontro, sucedeu-se a proposição da seção *O homem e o meio* no *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, ocorrido no ano de 1959 na cidade de Salvador, promovido pela Universidade da Bahia e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, além da recepção de jovens geógrafos brasileiros que foram estagiar nas universidades portuguesas nas décadas de 1960-70 (IV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, 1959; DAVEAU, 2019).

O período que marca a ampliação das trocas institucionais entre os dois países foi caracterizado, também, pelo esforço incessante dos geógrafos portugueses e brasileiros em acompanhar as diretrizes teórico-metodológicas presentes na literatura geográfica publicada em línguas francesa e inglesa, que afirmavam sua hegemonia frente a outras matrizes científicas, como a alemã, resultante de uma longa história de disputas internas e externas ao campo científico (CAPEL, 1981; MORAES, 2005). A primazia dada às produções anglo e francófonas, somada aos contextos políticos e econômicos bastante turbulentos vividos por Portugal e Brasil no curso do século XX (governos autoritários, crises econômicas, limitações à produção científica, etc.), levou a Geografia produzida nos dois países a participar do debate internacional numa posição semiperiférica<sup>3</sup> ao longo do século em que a disciplina se afirmou nas universidades em todo o mundo (PAIVA; OLIVEIRA, 2020).

É diante desse contexto e do esforço em compreender os desdobramentos teórico-epistemológicos e político-institucionais resultantes dessas relações no curso do último século, que a obra *Saberes geográficos e a Geografia institucional: relações luso-brasileiras no século XX*, organizada por Francisco Roque de Oliveira e Daniel Paiva (2019a), vem a público buscando contribuir para a compreensão do desenvolvimento da ciência geográfica, a partir de um enfoque temático e historiográfico ainda muito pouco explorado pelos geógrafos.

A obra é resultante da compilação de exposições realizadas em mesas-redondas e sessões temáticas do *I Colóquio Luso-Brasileiro de Teoria e História da Geografia*, que teve lugar na cidade de Lisboa em novembro de 2017, inscrito no âmbito do *Projeto de Cooperação Transnacional Saberes Geográficos e Geografia Institucional: influência e relações recíprocas*

<sup>3</sup> Essa noção de semiperiferia a que se referem Paiva e Oliveira (2020) tem sido usada também em trabalhos que analisam a produção geográfica em outros contextos nacionais. São exemplos os trabalhos de Boyle et. al. (2017), que trata da produção sueca, e de Ginelli (2017) sobre a produção húngara.



*entre Portugal e o Brasil no século XX* – um convênio firmado entre pesquisadores das Universidades de Lisboa, Estadual do Rio de Janeiro e Federal Fluminense (OLIVEIRA; PAIVA, 2019a).

O seu lançamento ocorreu no *II Colóquio Luso-Brasileiro de Teoria e História da Geografia*, realizado em novembro de 2019 na Universidade de Brasília (UNB), dando continuidade aos debates iniciados dois anos antes em Lisboa e às exposições de pesquisadores que têm se dedicado às relações entre as produções portuguesa e brasileira no âmbito da Geografia. Por outro lado, cabe ainda informar, a programação do segundo evento trouxe uma seleção de trabalhos que, somada às conferências principais, totalizava 50 exposições, apresentadas em diferentes sessões temáticas, demonstrando uma ampla adesão de pesquisadores brasileiros externos ao acordo de cooperação científica à proposta dos organizadores do evento.

A coletânea reúne 20 textos entre aqueles derivados dos primeiros resultados da cooperação acadêmica e outros aceitos via submissão à comissão científica do próprio *Colóquio*, além de uma apresentação da obra feita pelos organizadores. Nesse sentido, os textos estão distribuídos em três seções que tratam, inicialmente, (1) da formação da Geografia universitária nos dois países e (2) das relações recíprocas entre as duas comunidades científicas, destinando a última seção para (3) temas gerais e trabalhos particularizados. No total, o livro abrange trabalhos de 20 pesquisadores, entre portugueses e brasileiros, que buscam debater os caminhos da Geografia nos dois países, suas relações e influências comuns e particulares (OLIVEIRA; PAIVA, 2019a).

Mais do que uma descrição exaustiva dos textos que compõem a obra, o que esta resenha busca destacar é que a coletânea aponta para uma agenda de pesquisa a ser desenvolvida pelos geógrafos. Não se trata apenas de pensar na História do Pensamento Geográfico desenvolvida em contextos particulares, mas sobre a epistemologia geral da disciplina, observando as contribuições de duas comunidades de cientistas ao amplo debate da Geografia em âmbito internacional, bem como as perspectivas científicas e relações institucionais que se anunciam (ou podem se anunciar).

De qualquer sorte, é importante citar brevemente os autores e discussões centrais dos textos de modo a oferecer um panorama da obra. De início, na *Parte I*, é apresentada dois importantes relatos de teor autobiográfico dos eminentes geógrafos Suzanne Daveau e Pedro Geiger – uma francesa naturalizada portuguesa e um brasileiro –, seguido de debate conduzido pelo professor Jorge Malheiros. Em tom testemunhal, Daveau e Geiger expressam influências científicas e institucionais que incidiram sobre a Geografia praticada nos dois países no curso do século XX. A *Parte II* conta, de início, com texto de Cristina Mary e Luciene Cardoso que analisam a importância da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e da Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil para as trocas de saberes geográficos entre os dois países.



Ainda na *Parte II*, segue-se o texto de Eduardo Peruzzo em que o autor traça um paralelo entre as importantes obras de Jaime Cortesão e Fernand Braudel, particularmente sobre a assimilação da Geografia pelos dois autores nas suas elaborações historiográficas. Em seguida, o texto de Daniel Paiva, Jonathan Lopes e Francisco Oliveira aborda as relações entre Brasil e Portugal nas revistas acadêmicas portuguesas do século XX. Já Gleydson Lucena discute os escritos de Josué de Castro publicados em Portugal e sobre Portugal. Novamente Daniel Paiva e Francisco Oliveira examinam, em texto seguinte, a importância de Aroldo de Azevedo e Orlando Ribeiro para a afirmação da influência do pensamento vidaliano sobre as duas comunidades de geógrafos, a brasileira e a portuguesa.

Dando continuidade à *Parte II* do livro, Thiago Machado, André Carmo e Jorge Malheiros discutem a influência de Milton Santos no diálogo entre a Geografia produzida no Brasil e em Portugal. João Fernandes, por outro lado, se dedica a uma discussão sobre a leitura de geógrafos de Coimbra sobre obra de Rogério Haesbaert. No texto seguinte, Aquilino Machado analisa a viagem do escritor Aquilino Ribeiro ao Brasil e como essa viagem influenciou desde então à obra do notável escritor português. Concluindo a *Parte II*, Pedro Vasconcelos apresenta uma rica contribuição sobre fontes para a pesquisa e o desenvolvimento da Geografia histórica em Portugal e Brasil.

A *Parte III* se destina às contribuições de temas gerais desenvolvidos no âmbito da Geografia produzida em Portugal e Brasil, mas sem pôr em primeiro plano a relação entre as duas comunidades de cientistas. Assim, Ricardo Cascurão discute as contribuições de Manuel António Ferreira-Deusdado e do ensino da ciência geográfica para a consolidação da Geografia em Portugal. João Sarmiento, por sua vez, analisa o percurso de três geógrafas e como suas trajetórias auxiliam na reflexão sobre o desenvolvimento da Geografia universitária em Portugal e Moçambique. Já Ana Cristina da Silva discute o uso do conceito território pelos geógrafos brasileiros na contemporaneidade. Nelba Penna argumenta sobre a operacionalização do conceito de vulnerabilidade e as possibilidades de articulação desse conceito à análise de questões macrossociais e à própria produção do espaço. Por fim, Fronika de Wit discute o desenvolvimento sustentável na floresta amazônica brasileira tendo como esteio teórico a obra da geógrafa Bertha Becker.

Conforme foi dito, mais do que uma descrição exhaustiva dos ricos artigos, trata-se, como lembram os organizadores da obra, de nos questionarmos, por um lado, sobre as principais formulações e referenciais teórico-metodológicos internos à disciplina nos dois países – e como essas formulações dialogaram (e dialogam) em múltiplas escalas com outros campos da vida social, como a economia e a política – e, por outro lado, refletir sobre a lacuna de trabalhos que abordem as



reciprocidades existentes entre duas comunidades, que carregam similaridades em sua formação, consolidação e legitimação internacional, notadamente na forma como atravessaram o século XX (OLIVEIRA; PAIVA, 2019a).

Esse esforço poderá ajudar aos geógrafos a entenderem melhor o desenvolvimento da Geografia e suas possibilidades futuras. Privilegiar outros ângulos de análise, ainda pouco explorados, centrados na análise das inserções particulares de comunidades consolidadas, mas não hegemônicas no debate global, pode nos esclarecer muito sobre os tratamentos teórico-metodológicos assimilados e/ou refutados na produção do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BOMFIM, Paulo Roberto de Albuquerque. A ostentação estatística (um projeto geopolítico para o território nacional: Estado e planejamento no período pós-64). **Tese de Doutorado em Geografia**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BOYLE, Mark; ENGLAND, Kim; FARISH, Matthew; BAETEN, Guy; GILMARTIN, Mary; DEVIVO, Michael S.; RICKARDS, Lauren; JOHNSTON, Ron; SIDAWAY, James D. Geography and Geographers: Anglo-American Human Geography since 1945, 7th Edition, **The AAG Review of Books**, 5:1, 48-61, DOI: 10.1080/2325548X.2017.1257291, 2017.

CAPEL, Horacio. **Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981.

CARDOSO, Luciene Pereira Carris. **O Lugar da Geografia Brasileira: a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro entre 1883 e 1945**. São Paulo: Editora AnnaBlume, 2013.

COUTINHO, Gago. Informações gerais sobre as atividades da Sociedade de Geografia de Lisboa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 10, 1944, Rio de Janeiro, **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1952, 2v.

CORTESÃO, Jaime. A cartografia antiga e os fundamentos pré-históricos da nação brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 10, 1944, Rio de Janeiro, **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1952, 2v.

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 10, 1944, Rio de Janeiro, **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1952, 2v.

DAVEAU, Suzanne. Reflexões sobre o relacionamento entre as Geografias portuguesa e brasileira das décadas de 1960-80. In: OLIVEIRA, Francisco Roque; PAIVA, Daniel (Org.). **Saberes geográficos e Geografia institucional: relações luso-brasileiras no século XX**. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 2019.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Oráculos da Geografia Iluminista: Don Luís da Cunha e Jean Baptiste Bourguignon D'Anville na construção da cartografia do Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.



GINELLI, Zoltán. Speaking from the semi-periphery: decolonizing geographical knowledge production in socialist Hungary, 1960s to 1980s. *sítio Kritikai Földrajz [Critical Geography]*. Disponível em: <https://kritikaifoldrajz.hu/2017/02/25/speaking-from-the-semi-periphery-decolonizing-geographical-knowledge-production-in-socialist-hungary-1960s-and-1980s/>. Acessado em 31/10/2020.

GUIMARÃES, Lúcia Paschoal. **Debaixo da imediata proteção imperial**: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889), 2ª ed. São Paulo: Ed. AnnaBlume, 2011.

MARY, Cristina Pessanha. **Geografias Pátrias**: Portugal e Brasil - 1875-1889. Niterói: Editora da UFF, 2010.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Território e História no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: AnnaBlume, 2005.

SOUSA, André Nunes de; VAZ, Caroline Bulhões Nunes (Orgs.). **A Geografia no alvorecer da República**: contribuições à história da ciência geográfica no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2019.

SOUSA, André Nunes de. Bernardino de Souza e o desenvolvimento da Geografia no Brasil: passagens do 5º Congresso Brasileiro de Geografia. In: SOUSA, André Nunes de; VAZ, Caroline Bulhões Nunes (Orgs.). **A Geografia no alvorecer da República**: contribuições à história da ciência geográfica no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2019, p. 53-74.

IV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS (1959). **IV Colóquio** [...]. Salvador: Universidade da Bahia, 1959.

OLIVEIRA, Francisco Roque; PAIVA, Daniel (Orgs.). **Saberes geográficos e Geografia institucional**: relações luso-brasileiras no século XX. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 2019a.

OLIVEIRA, Francisco Roque; PAIVA, Daniel. “Na dor ou na alegria”: Bernardino José de Souza e a convergência luso-brasileira em tempo de Estados Novos de Salazar e Vargas. In: SOUSA, André Nunes de; VAZ, Caroline Bulhões Nunes (Orgs.). **A Geografia no alvorecer da República**: contribuições à história da ciência geográfica no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2019b, p. 219-251.

PAIVA, Daniel; OLIVEIRA, Francisco Roque. Luso-Brazilian geographies? The making of epistemic communities in semi-peripheral academic human geography. **Progress in Human Geography**, 2020, p.1-24. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0309132520923062>. Acessado em: 19 de outubro de 2020.

PEREIRA, Sergio Nunes. Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro: origens, obsessões e conflitos (1883-1944). **Tese (Doutorado em Geografia)**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SCHWALBACH, Luís. O calcário: alguns aspectos da sua industrialização em Portugal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 10, 1944, Rio de Janeiro, **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1952, 2v.